

Racismo: um mal que corrompe a humanidade

Iradj Roberto Eghrari

Secretário Nacional de Assuntos Externos da Comunidade Bahá'í do Brasil

O mundo depois dos eventos de 11 de setembro começou a se questionar sobre a discriminação, a intolerância, a exclusão social em termos mundiais. Os eventos de 11 de setembro foram tão marcantes que trouxeram para a percepção do brasileiro o fato que ele está inserido na sociedade global que hoje necessita de uma atenção totalmente diferente daquela sociedade que caracterizava o mundo na época da guerra fria ou até pouco depois disso.

Eu queria usar uma analogia para que possamos perceber a gravidade do momento que vivemos no mundo, discorrendo um pouco sobre a situação mundial e depois correlacionar tal análise com o Brasil e principalmente tratar da questão do racismo, da discriminação racial. Um estado como Santa Catarina, tem uma população afro-descendente ou negra, ou seja pretos e pardos conforme classifica o IBGE aparentemente diminuta. Digo aparentemente porque este nosso país é caracterizado por um “racismo cordial”, de acordo com a Folha de São Paulo. Vivemos uma realidade bastante paradoxal: racismo gera brutalidade e cordialidade é a característica do brasileiro, que finge que o problema não existe. Na verdade conseguimos invisibilizar os negros, e este é o grande problema racial brasileiro hoje: a invisibilidade do negro na sociedade brasileira. Estudos bastante recentes do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, que é um Instituto governamental, vinculado ao Ministério do Planejamento, nos mostram a gravidade do problema racial brasileiro.

Em 11 de setembro, o mundo acordou para o fato de que aqueles que são os excluídos do planeta podem lançar mão de instrumentos altamente condenáveis – eu não quero aqui fazer nenhuma apologia nem validar de forma alguma a questão do terrorismo – mas é de certa forma um grito que se apresenta já há décadas, onde agora percebemos que lançar mão de instrumental de violência para fazer valer os seus direitos, é uma ameaça grave à própria estabilidade da humanidade.

Por que se chega a este tipo de recurso altamente condenável, por que ceifar a vida de inocentes e por que fazer de um “ato simbólico” que envolve vida de pessoas inocentes a sua plataforma política? Porque nós vivemos num mundo que tem hoje alguns obstáculos à plena realização dos seres humanos, ao pleno estabelecimento da paz. O primeiro e maior obstáculo que se coloca à plena realização de todo e qualquer ser humano hoje em dia é a sua exclusão covarde da vida econômica. Vivemos hoje num mundo aonde extremos de pobreza e riqueza são uma ameaça enorme à paz mundial. Este primeiro obstáculo que se coloca perante à humanidade deve ser solucionado com presteza.

A humanidade se parece muito com um grupo de pessoas num barco de madeira em que cada um está sentado em seu banquinho e vem um sujeito com uma furadeira manual fazendo furo no piso à sua frente. Todos se apavoram e perguntam o que ele está fazendo, porque vão todos afundar. Ele diz: “eu estou furando o meu lado, o lado de vocês eu não estou tocando! Vocês cuidem do seu lado que eu cuido do meu!”. O mundo

não é mais um conjunto de pequenos barcos isolados, é um único barco. Qualquer ameaça à saúde, à felicidade, ao bem-estar de uma parte, afeta a saúde, o bem-estar e a felicidade de todos. O mundo ainda não acordou ao fato de que o que infelicita a parte infelicita o todo. A segurança do todo depende da segurança de cada uma das partes componentes deste todo.

Vemos hoje a extrema crueldade de nações cada vez mais ricas e outras cada vez mais pobres. Vemos a violência da globalização e a globalização da violência: de um lado, a globalização é um processo violento, e por outro lado globaliza-se a violência também. A globalização que poderia ser vista como uma oportunidade de planetização da humanidade, uma oportunidade de ver a terra como um único país e os seres humanos cidadãos deste único país. A globalização que poderia ser uma oportunidade de inclusão se tornou um processo meramente de fortalecimento de certas partes, certos países, certas nações com crescimento econômico cada vez mais elevado. E este processo está se tornando mais grave e os extremos de riqueza e pobreza, antes perceptíveis aos olhos de uma parcela pequena da humanidade torna-se agora a percepção da grande massa. Quando uma Volkswagen anuncia que vai demitir de 3 a 4 mil funcionários de uma única fábrica, o que significa isto? Significa que há mão-de-obra mais barata em outras partes do mundo e o fenômeno da globalização permite rapidamente direcionar capital e esforço para outro país aonde se verifiquem resultados melhores. Na verdade, a globalização deveria trazer o contrário para todos nós. Deveria trazer a oportunidade para que todos pudessem se incluir no processo de um mundo como sendo um único país. Não é o que está acontecendo.

Quando então acompanhamos estarecidos o 11 de setembro, vemos o fenômeno da exclusão em termos mundiais. Vemos todo um processo de radicalização da discriminação, seja por raça, ou seja por religião. Estes dois são outros graves obstáculos à realização da paz. Nossa visão de mundo ocidental desconhecia e ainda desconhece praticamente o que significam os verdadeiros fundamentos espirituais da religião islâmica, e hoje terrorismo e islã são, na nossa visão distorcida, sinônimos. Se formos fazer uma enquete e perguntamos qual a percepção que se tem do islã, a primeira reação que vem à cabeça é algo que tem a ver com terrorismo, com radicalização, com intolerância. E essa é a imagem que a mídia encontrou como oportunidade de venda. Quando ocorre o 11 de setembro, existe um terreno bastante propício que já vinha de uma radicalização dos governos com a Conferência Mundial contra o Racismo na África do Sul: a Conferência somente teria sucesso se houvesse uma solução para a questão palestino-israelense. E na verdade o que se buscava naquela Conferência era muito mais do que a solução de um problema localizado, mas a solução de problemas que envolvem, por exemplo, um Brasil que é a segunda maior nação negra em todo o mundo. São poucos os que sabem disso. A Nigéria é a primeira maior nação em negros no mundo e a segunda maior é o Brasil. Quais são os problemas que um país como este tem em termos de questão étnico-racial? O que vive a África em termos de conflitos étnicos, e como soluciona-los? E os Balcãs? Estas questões permanecem sem resposta e a paz sem horizontes.

O 11 de setembro levanta um outro obstáculo à paz: a questão do nacionalismo. Num momento em que um país se vê agredido como os Estados Unidos se viu agredido, qual o

direito que ele tem de ir à retaliação? A retaliação que é um elemento que não pertence ao ideário jurídico de nenhum país, nenhum indivíduo tem o direito de retaliar por nada que aconteça contra ele, já que deve se valer dos mecanismos jurídicos disponíveis naquele país para vindicar os seus direitos e ter a sua reparação. Qual o direito que um país tem de assumir uma bandeira retaliatória e dentro desta bandeira colocar o seu país como superior a um outro país qualquer? Os sentimentos nacionalistas tornarem-se o combustível que alimentou e alimenta sentimentos de agressividade que mais uma vez põem a paz em risco.

Extremos de riqueza e pobreza, racismo, intolerância religiosa e nacionalismo. Estes quatro elementos poderiam ser considerados os quatro maiores obstáculos ao estabelecimento da paz. Trazendo a percepção destes quatro elementos para dentro do Brasil, constatamos que o problema racial pode vir a se tornar uma bomba-relógio em nosso país. Não é possível que um país que tenha 47% de sua população afro-descendente, onde somente uma parcela mínima é capaz de ter acesso ao desenvolvimento social, possa se manter em tranqüilidade por muito tempo. Onde há injustiça, podemos estar certos, há conflitos. Onde há conflitos há que se buscar rapidamente solução. Não através da violência. Esta é a bandeira que todos nós devemos levantar. O conflito é necessário, faz parte da existência humana. Não se pode ter desenvolvimento sem que haja conflito. A única situação não conflituosa que conhecemos, onde tudo funciona de forma ordenada e perfeita é o cemitério. Ninguém nunca briga, mas também não há nenhum processo em desenvolvimento. Vivemos na vida real, e a vida real exige o conflito. A solução do conflito tem que ser através de métodos pacíficos e não através de violência. O que estamos vendo hoje em dia no mundo é a utilização da barbárie e da violência para a solução dos conflitos.

A disparidade entre ricos e pobres, seja dentro de uma nação, ou entre nações, necessita de mudança radical do paradigma econômico mundial. Exige uma mudança do paradigma do trabalho. Exige uma mudança do paradigma da relação entre capital e trabalho. Talvez estejamos voltando um pouco querendo buscar conceitos que hoje se provaram ineficazes, mas algumas coisas precisam ser re-trabalhadas, revisitadas ou até mesmo descartadas. O mundo caminha a passos largos a um novo modelo hegemônico capitalista. E a percepção muito clara de qualquer observador imparcial é que este modelo não se sustenta. É só através de uma prática consumista que a sociedade hoje é capaz de manter o seu desenvolvimento em ação. Enquanto não percebermos uma oportunidade de mudança de um modelo consumista para outro tipo de modelo de organização econômica, não vamos conseguir alcançar a justiça econômica tão necessária. Existe uma série de conflitos que precisam ser trabalhados no campo da economia. A própria questão dos fluxos de capital, a vulnerabilidade de países, onde temos uma moeda mundial praticamente estabelecida que é o dólar e onde os países dependem da flutuação da economia de um país para que possam sustentar toda a sua economia. É o que está acontecendo com a Argentina pode acontecer com o Brasil ou qualquer outro país. Vejam o que aconteceu com a estabilidade monetária de uma série de países do sudeste asiático tão dependentes de uma moeda cuja saúde depende de uma política de governo. O mundo não pode mais depender de uma moeda internacional atrelada à uma nação.

Para que possamos superar o desafio de eliminar os excessos de riqueza e pobreza também temos que promover mudanças de nossas posturas. Exige uma mudança interior de cada um. Hoje em dia não podemos mais falar de política, economia, sociologia como ciências amorais. Estamos vendo uma conceituação absolutamente imoral atrelada a todo o processo econômico, de mudança social e de política que envolve o mundo. A moralidade que deve embasar estes processos é o da guardiania coletiva da humanidade.

No corpo humano quando uma única de suas células do dedão do pé se encontra infeccionada por qualquer razão, todo o corpo se mobiliza para defender, proteger e evitar que aquela célula venha a morrer. Não por uma questão altruísta, mas por uma questão de defesa, porque se aquela célula espalhar a infecção adiante, o corpo todo sofre. O que nós temos hoje é exatamente focos infecciosos de injustiça, onde não se tem a percepção de que a segurança do todo depende da segurança de cada parte.

O segundo grande obstáculo ao estabelecimento da paz é a intolerância religiosa. A missão fundamental dos líderes religiosos é se sentarem à mesa e definitivamente encontrarem soluções aos conflitos mútuos e definam claramente uma plataforma de entendimento e pacificação. Foram eles que conduziram a humanidade aos conflitos que nos encontramos, entre protestantes e católicos, entre judeus e muçulmanos, entre hindus e muçulmanos, entre muçulmanos e cristãos e daí afora. Enquanto houver possibilidade de manipulação dos sentimentos religiosos, isso vai estar acontecendo de forma muito clara. E a manipulação tem a sua base na intolerância.

O nacionalismo desenfreado também é uma outra questão a ser trabalhada em termos de percepção da guardiania coletiva da humanidade. Não pode haver uma segurança coletiva da humanidade enquanto determinados instrumentos mundiais não sejam aprimorados. Um deles é as Nações Unidas, por mais embrionária que seja. Por exemplo, o Conselho de Segurança da ONU deve ser livremente coordenado pelo conjunto dos países do mundo, sem que uns e outros tenham poder de veto às suas decisões. Outro exemplo é a dependência do sistema das Nações Unidas de contribuições voluntárias dos países. Estas contribuições ao não serem efetuadas não implicam em nenhuma penalidade sobre aqueles que prometeram e não efetuaram a sua contribuição. Novamente surge o nacionalismo exacerbado: cada nação somente se importa com suas questões, e deixa de lado as necessidades do conjunto de nações.

Por fim, a questão do racismo e sua manifestação no Brasil. Gostaria de agradecer ao Dr. Roberto Martins, Presidente do IPEA, por ter-me oferecido para este trabalho dados e considerações que se encontram em várias de suas palestras feitas em preparação à Conferência Mundial contra o Racismo.

Qual é o histórico que nós temos no Brasil com relação à população afro-descendente? O Brasil foi a segunda maior nação escravista da era moderna. O último país do mundo ocidental a abolir a escravidão em 1888, foi o penúltimo país da América a abolir o tráfico de escravos em 1850. Foi o maior importador de escravos de toda a história do tráfico transatlântico. E o Brasil tem a segunda maior população negra ou afro-descendente do mundo, cerca de 80 milhões de indivíduos, 47,6% da população brasileira, que só é superado pela Nigéria.

A população brasileira de escravos foi de 1,7 milhões de indivíduos no seu ponto máximo, em volta de 1850. Ainda que a população escrava dos Estados Unidos chegou a 4,5 milhões em 1860, o Brasil havia importado 4,6 milhões de escravos. Então porque em 1850 chega a 1,7 milhões? Onde foi parar o restante? Ainda antes da abolição da escravatura, este número cada vez mais decrescente da população escrava demonstra uma tese contrária ao fato de que no Brasil o escravo foi tratado com muito amor e carinho, que é o que se sente a partir de leituras como “Casa Grande e Senzala”, etc..

Vamos ver como foi a disseminação da propriedade de escravos. A idéia que temos do escravo é que estes vinham ao Brasil para trabalhar nas fazendas. Vamos ver como era disseminada a escravidão: as tele-novelas e romances transmitem esta idéia de que os escravos trabalhavam em grandes fazendas, centenas de escravos, grandes senzalas, barões, mucamas, etc. Mas essa era a exceção e não a regra. A propriedade de escravos não era restrita a uma pequena elite. É importante sabermos disso porque temos a noção equivocada de que uma vez que terminou a escravidão todos os negros trabalhavam em fazendas e era só arranjar um trabalho em outro lugar e não trabalhou quem não queria. Aí vem toda a teoria racista da incapacidade do negro em ter uma inserção social adequada.

A grande maioria dos senhores de escravos tinha menos de cinco escravos. Tinha escravo tanto o grande fazendeiro, o grande minerador, o grande comerciante, como o pequeno lavrador, o artesão, o vendeiro e o cura da aldeia. Mantinham cativos o sacristão, a viúva pobre, o próprio negro tinha escravos. E até alguns escravos tinham os seus próprios escravos. A idéia da escravidão era uma coisa muito disseminada no Brasil. Não aprendemos isto nos livros de história de uma forma muito clara. O governo tinha cativos. As ordens religiosas e a família imperial também tinham.

O quanto era disseminada a idéia de ter escravo? Isto é importante dizer. Em Minas Gerais, em 1821 34% dos domicílios possuíam escravos. O que quer dizer 34% possuir escravos? É tão normal quanto hoje 30% dos domicílios brasileiros têm telefone! Quer dizer, ter escravos era mais disseminado do que ter telefone hoje em dia! Se em Minas Gerais 34% tinha escravo, em 1996 somente 24% dos domicílios tinha carro. A classe média da época tinha mais escravos do que a classe média de hoje tem carro, mais escravos do que tem que tem telefone.

Para estimarmos a profundidade das desigualdades raciais no Brasil de hoje, o quadro abaixo nos dá uma visão pouco conhecida: em 1890 a maioria da população brasileira era composta de afro-descendentes, totalizando 56%.

Brasil : População por cor, 1890

	Branços	Pretos e Pardos	Total	% Afro
Minas Gerais	1.292.716	1.891.383	3.184.099	59,4
Bahia	491.336	1.428.466	1.919.802	74,4
Pernambuco	423.900	606.324	1.030.224	58,9
São Paulo	873.423	511.330	1.384.753	36,9
Rio de Janeiro	376.661	500.223	876.884	57,0
Ceará	358.619	447.068	805.687	55,5
Alagoas	158.927	352.513	511.440	68,9
Demais Estados	2.326.616	2.294.710	4.621.326	49,7
Brasil	6.302.198	8.032.017	14.334.215	56,0

Fonte : Recenseamento do Brasil, 1890

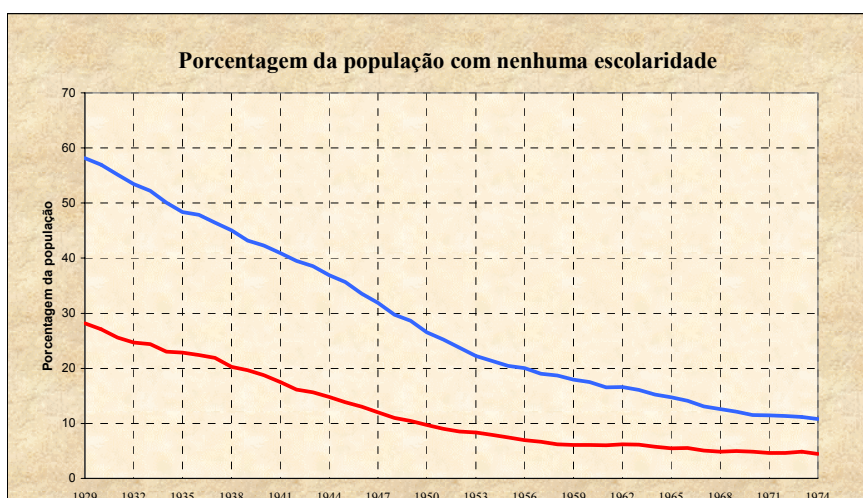
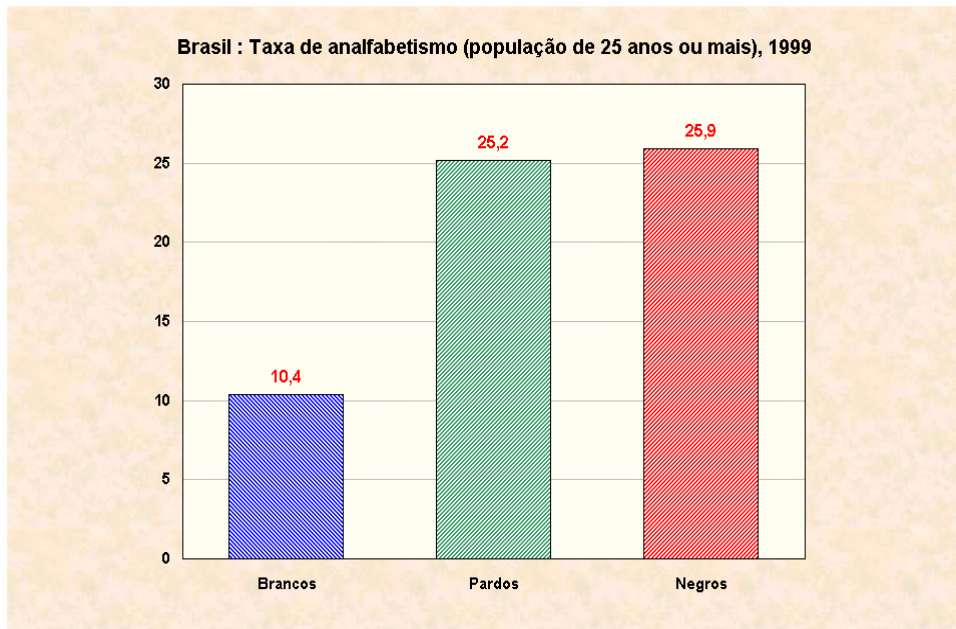
O quadro abaixo, com o senso de 1999, mostra a realidade atual, onde ainda que tenha havido uma diminuição no percentual da população afrodescendente no país, esta ainda é marcante:

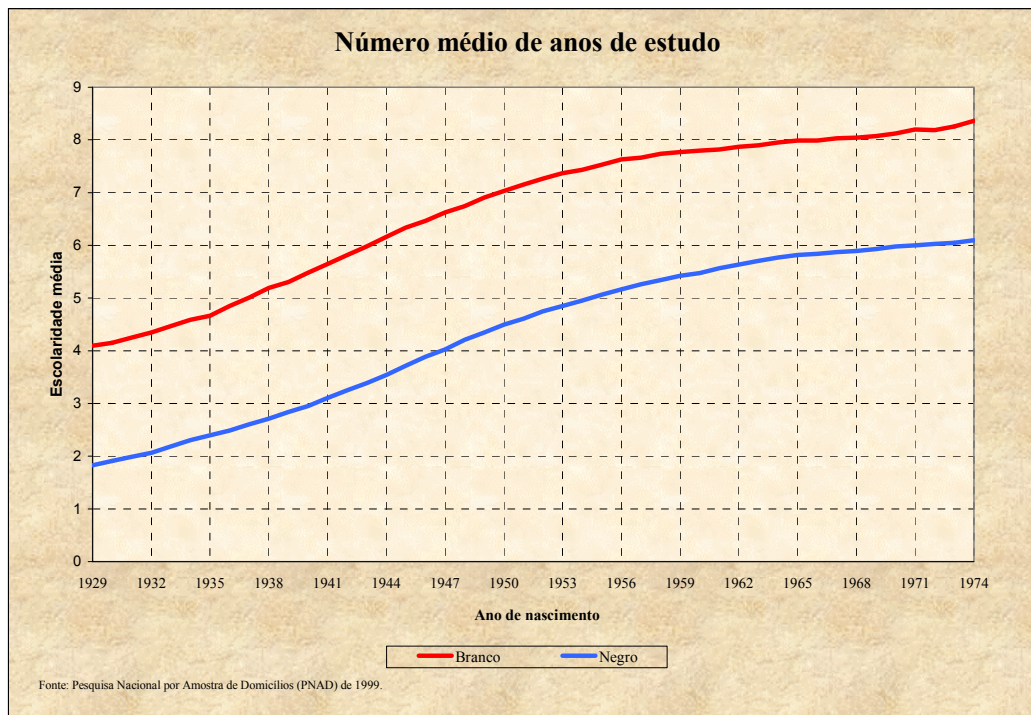
Brasil : População por cor, 1999

	Pretos e Pardos	Indígenas	Outros	Total (1)	% Afro	% Indígena
Bahia	10.093.894	29.780	2.902.497	13.026.171	77,5	0,23
São Paulo	9.626.584	26.940	26.287.808	35.941.332	26,8	0,07
Minas Gerais	8.164.656	11.463	9.165.602	17.341.721	47,1	0,07
Rio de Janeiro	5.286.723	2.337	8.547.758	13.836.818	38,2	0,02
Pernambuco	4.876.897	3.836	2.713.444	7.594.177	64,2	0,05
Ceará	4.811.455	611	2.316.496	7.128.562	67,5	0,01
Maranhão	4.076.339	3.296	1.351.219	5.430.854	75,1	0,06
Pará	2.379.879	5.920	812.528	3.198.327	74,4	0,19
Outros Estados	23.372.004	177.557	33.287.557	56.837.118	41,1	0,31
Brasil	72.688.431	261.740	87.384.909	160.335.080	45,3	0,16

Fonte : IBGE, PNAD 1999

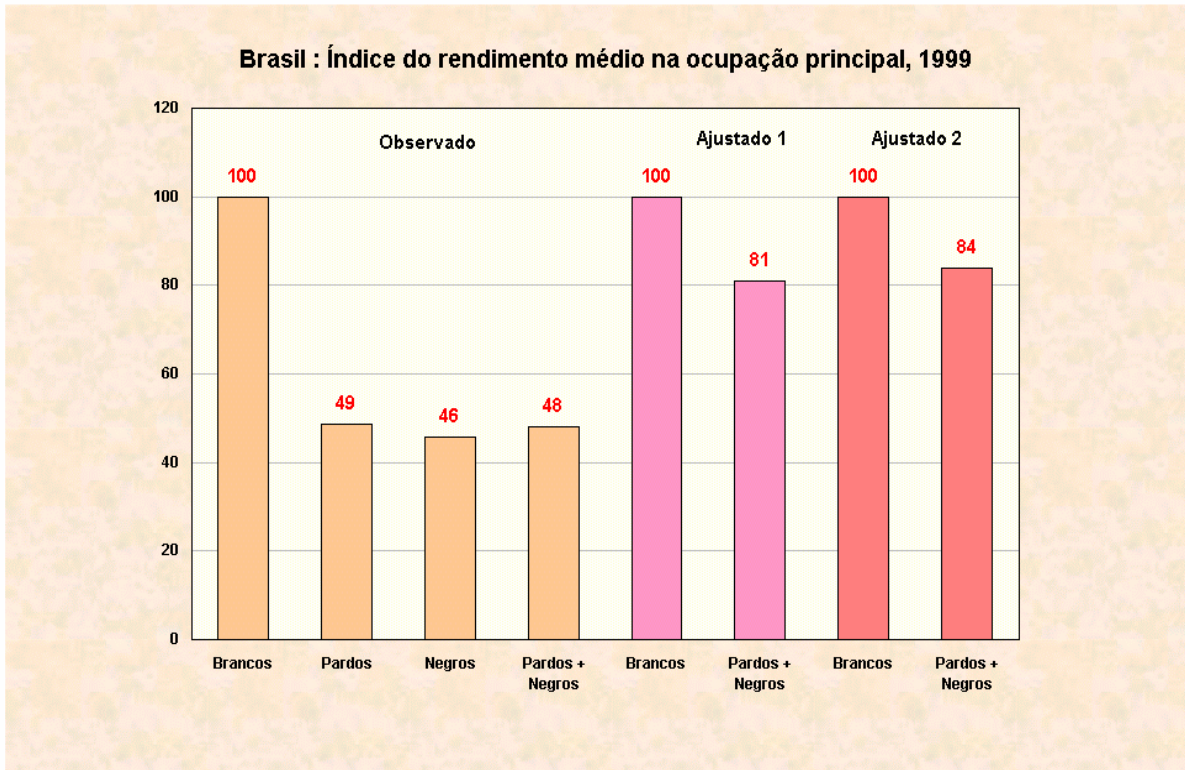
Tendo agora uma visão mais precisa do histórico da população afro-descendente no Brasil e sua participação na população brasileira, podemos melhor entender o vácuo que se deixou ao não serem criadas políticas específicas para que a população negra tivesse acesso ao desenvolvimento social em pé de igualdade com a população branca. Geraram-se assim disparidades que persistem longamente. Os quadros a seguir dão uma visão geral destas disparidades nos campos da educação e trabalho. Iniciamos pela educação, que demonstra disparidades gritantes, a mais preocupante no quadro que destaca o número médio de anos de estudo, que mantém o diferencial de cerca de 2,5 anos entre brancos e negros em todo o século XX. Esta é uma demonstração clara de que as políticas universais não atendem à necessidade de superar as diferenças históricas se não forem associadas a ações especificamente direcionadas aos afro-descendentes ou a políticas de ação afirmativa que favoreçam a população negra.





O gráfico a seguir mostra uma situação ainda mais preocupante, onde claramente um viés racista é detectado: as diferenças no rendimento médio entre brancos e negros (considerando-se brancos = 100) indica nos valores não ajustados um diferencial que pode ser atribuído às diferenças existentes em grau de escolaridade e capacitação que diferem entre brancos e negros conforme os gráficos anteriores. Mas o gráfico ajustado² indica um diferencial mesmo para profissionais de mesma escolaridade e nível sócio-econômico!

Apenas a discriminação com base na cor de pele é que pode explicar esta diferença no rendimento de brancos, 16% acima dos de negros.



dos
a
citação,
om

quase a metade da população brasileira somente será possível através de ações concretas do Estado Brasileiro, já esperadas há quase 500 anos quando os primeiros africanos aqui chegaram. Até quando iremos esperar?